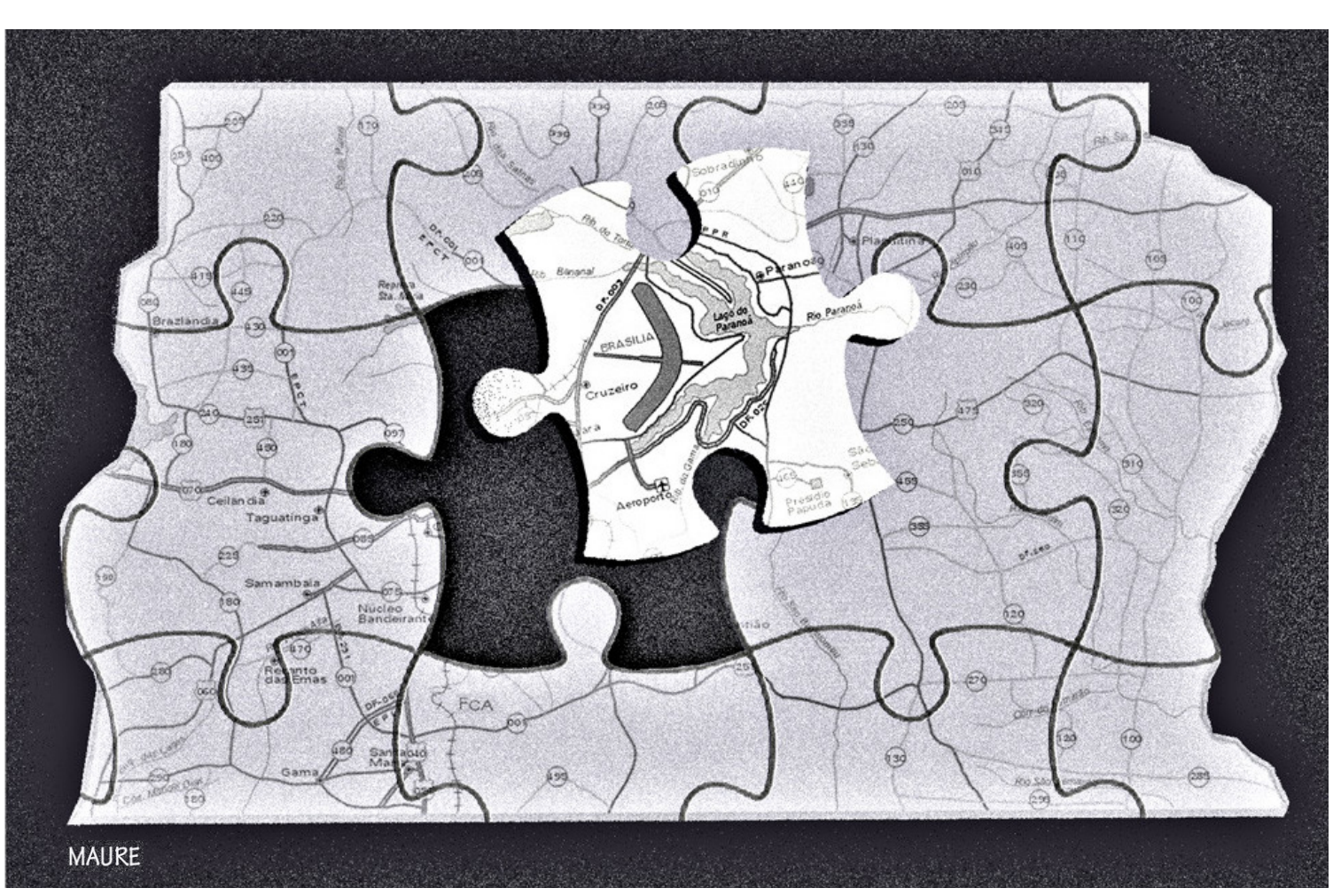
Brasília, ensaio para defini-la



» MARCELO MOTIEL DA ROCHA
Arquiteto

O **Correio Braziliense** publicou o artigo *Brasília: a ser definida* (13/4/23), do renomado geógrafo e professor Aldo Paviani. Não está claro o que é Brasília em termos de ocupação espacial. É um fato. Não obstante, afirmar que tudo é Brasília e as cidades-satélites são bairros não esclarece. Trata-se de definição genérica e global que desconsidera localidade, peculiaridade e formação histórica das cidades do Distrito Federal. Não se trata de separar as cidades do DF, a rigor elas já nasceram separadas, segregadas socioespacialmente. Esse é o nosso DNA, várias cidades às vezes coladas dentro do quadradinho retangular.

Além disso, as cidades-satélites são cada vez menos satélites e muito menos núcleos urbanos. São cidades com história, cultura e características socioeconômicas próprias. Definir as cidades do DF como uma só é ideológico, isto é, está fora da realidade. Esse discurso, supostamente de integração, não tem o poder de inclusão e passa por cima da ideia local de pertencimento e multiculturalismo que tem caracterizado cada vez mais os moradores de cada localidade-cidade do DF. Só o trabalho bem remunerado, aliado a um sistema de transporte integrador, que faça diferença na mobilidade no DF, pode atenuar a forte segregação socioespacial, marca da grande Brasília e de sua área metropolitana.

A arquiteta Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa, gosta de falar na Grande Brasília. É grande pelas características épicas de sua história e pelo consagrado projeto urbanístico-arquitetônico com imensos gramados e vias monumentais. O arquiteto e pioneiro Gladson da Rocha, nos anos 1970, já escrevia sobre a necessária descentralização, sobretudo de serviços públicos, para diminuir a pressão e atenuar o movimento pendular do transporte público.

Pelo equilíbrio ainda existente entre as áreas livres, as unidades de conservação e os centros urbanos, com cidades de média e baixa densidades, conectados por gigantescas vias-estradas, pode-se, como hipótese, definir a Grande Brasília como uma submetrópole de raiz rodoviária-tentacular. O próprio Lucio Costa no texto "Brasília Revisitada" dizia: a Brasília não interessa ser grande metrópole.

É Clarice Lispector quem escreveu "Nunca vi algo similar no mundo" e "Brasília é onde o espaço mais se parece com o tempo". A referência não era Taguatinga ou Sobradinho, mas Brasília. Por seu lado, Francisco Medeiros da Silva, morador de Taguatinga, acredita que sua cidade é a melhor do DF, com cultura muito expressiva. A poeta Maria Lúcia Verdi revela "Gosto muito de viver em Brasília. Preciso de ar, de céu, de jardins, espaços abertos e silêncio. Não conheço outra capital assim". As cidades do DF como Samambaia, Gama, Ceilândia ou mesmo Sol Nascente não são Patrimônio Cultural da Humanidade.

Brasília é, desde 1987, sobretudo patrimônio de brasileiros, brasilienses, brasilianos e candangos. Seu espectro cultural envolve Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Joaquim Cardozo, Athos Bulcão, Burle Marx, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, entre outros. Nenhuma outra cidade no mundo tem procedência de time tão fantástico. É difícil encontrar um projeto urbanístico como o projeto do Plano Piloto de Brasília, no qual a harmonia está na ordem cristalina que impera sobre todas as partes do conjunto. O enfoque que interessa é o cultural.

Claro está que Brasília não é mais apenas o Plano Piloto. Há muito, Cruzeiro, Sudoeste, Lagos Norte e Sul, Noroeste, Vila Planalto e Vila Telebrasília, além do próprio Plano Piloto (Asas Norte e Sul e Eixo Monumental), fazem parte de Brasília, são bairros de Brasília. Mas considerar as cidades satélites como Brasília não contribui para definir a cidade. Lembro ainda, nesse contexto de ensaios de confronto global, que Brasília foi definida também como Capital da Esperança por André Malraux, escritor e ministro da Cultura da França, no governo Charles de Gaulle. O Brasil, com a construção da sua nova capital, mostrava otimismo invejável diante de um mundo desacreditado e traumatizado pela barbárie da Segunda Guerra Mundial.

A antessala do centro cirúrgico

» OTÁVIO SANTANA DO REGO BARROS
General de Divisão da Reserva, foi chefe Centro de Comunicação do Exército

As minisséries sobre rotina de profissionais da saúde e hospitais nos prendem à tela de nossas televisões e nos transportam para os desafios diários desses ambientes de trabalho. Doutor Shaun Murphy, com suas características peculiares, um médico autista, personagem principal em *The good doctor*, revela os dois lados de angústias e desafios no relacionamento entre o paciente, o médico e o sistema de saúde.

Na série, o encanto dos grandes hospitais americanos com equipamentos sofisticados, equipes qualificadas e técnicas as mais modernas cede lugar ao enredo do humano e emocional. A vida nesses locais da ficção espelha uma realidade pouco conhecida da população em geral. A maca já quase ultrapassava a porta vai e vem do centro cirúrgico. O enfermeiro responsável pelo transporte informa: — A partir daqui não é permitido mais acompanhar o paciente.

Deitado na maca, ele busca com o olhar um pedido de socorro. Percebe-se em seu semblante uma angústia por cima da máscara N95. De medo mesmo. A boca seca do familiar mal consegue sussurrar: — Tá tudo bem, não se preocupe. Daqui a pouco nos falamos.

O maqueiro acrescenta que é melhor esperar no centro de atendimento aos familiares que fica no quinto andar. É mais confortável. Lá existe um monitor atualizando a situação da cirurgia de todos os pacientes. De fato, ali as coisas funcionam. Assim que entram na sala, uma atendente muito gentil oferece apoio e explica o multicolorido painel. A enorme tela, de altíssima resolução, já traz informações. O paciente se encontra em preparaçãopara a sedação.

Os minutos correm. Completa-se a primeira hora. Imaginam, falta pouco agora. Todavia, o monitor não ameniza a angústia e teima em permanecer congelado sem atualizar dados. Completa-se a segunda hora. O médico informara, como previsão, duas horas de procedimento. Fantasiam, será que aconteceu algum problema? O quinto café já esfriou. A sala, antes enorme, ficou pequena para as passadas inseguras. As mensagens na tela do celular perguntando "tudo bem?" só os afligem ainda mais. O jornal folheado de trás para frente é bengala em gesto repetitivo.

Uma família ao lado respira aliviada. Abrem um largo sorriso. Luz azul. Cirurgia terminada. Paciente em recuperação. Logo estará no quarto. Terceira hora já se faz longa. Uma mocinha entra na sala e pergunta: — Familiares do paciente, alguém presente? O coração dos dois quase para. Levantam a mão.

— Estamos aqui.

— O médico gostaria de falar com vocês.

Pronto! Por que o deixamos se submeter ao procedimento? Mesmo doente, ele estava vivo. Agora... O médico caminha ao encontro deles e sorri. Ainda com a bata cirúrgica e máscara arriada no pescoço, atualiza a situação.

— Houve uma intercorrência que nos deu um pouco de trabalho. Tivemos que recolocar o eletrodo mais próximo do septo. Pensavam: e daí? Septo? Eletrodo?

— Está tudo bem agora, mas ele vai ser monitorado na unidade coronariana. Assim que a anestesista o liberar, vocês conseguirão vê-lo na porta de entrada da unidade de terapia intensiva. Não poderão ficar. Ao menos esta noite.

Minutos depois, deitado na maca e ainda sonolento, o paciente os reconhece e brinca: — Tô vivo. Não foi desta vez. Cinco dias se passaram entre UTI, quarto e alta. O cerrado e responsável acompanhamento multidisciplinar o fez voltar rápido para casa. Um pouco mais magro, se recusou a comer a boia do hospital. Um pouco mais débil, a musculatura atrofiou. Um pouco mais humilde, percebeu que nem sempre estaria no controle da situação. Um pouco mais esperançoso, aquele obstáculo foi ultrapassado.

Caro leitor, histórias ficcionais se tornam realidade e, como essa, se passam, neste momento, em algum hospital deste país. Moderno ou simples. Público ou privado. Seus personagens, médicos, enfermeiros, dentistas, psicólogos, nutricionistas, farmacêuticos, bioquímicos, fisioterapeutas, assistentes sociais, auxiliares administrativos, faxineiros, seguranças etc.

Seus nomes, os Rubens, Marcelas, Mozarts, Iaras, Robertos, Vivianes, Jaquelines, Marias, Fernandos, os com nome e os sem nome. Aqui fora, não os percebemos na rotina de nosso dia a dia. Mas, quando precisamos, eles estão por lá. Não apenas por se renderem ao juramento de Hipócrates, mas por se curvarem à servidão de proteger todos os integrantes da tribo humana. Por dever de justiça, eles merecem nosso respeito, gratidão e atenção.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Até aí tudo bem

Palavras não são só palavras, ainda mais quando ditas por indivíduos que, pela posição hierárquica que ocupam dentro de uma sociedade civilizada, vêm cobertas de sentidos vários. É preciso, portanto, ir além do entendimento do que esses líderes dizem, analisando palavra por palavra, observando que outros sentidos podem estar ocultos atrás de cada uma delas. Esse é um dos métodos recomendados para os precavidos e para todos aqueles que se cuidam a fim de não cair em armadilhas. Os incautos andam como cegos. Os que cultivam o bom senso preferem as trilhas clareadas pela luz.

É seguindo essas recomendações que devemos analisar com cuidado a associação de palavras com conceitos firmados, de modo a entender o significado real da expressão e, quiçá, ligá-lo corretamente à pessoa que o proferiu. Assim, temos a expressão, dita pelo atual mandatário em entrevista, que "o conceito de democracia é relativo". Obviamente, cada indivíduo tem, de acordo com sua experiência, um conceito próprio de democracia. Até aí tudo bem. O problema é quando o conceito de democracia passa a adquirir uma elasticidade e um misto de relativismo e personalização tal que acaba por destruir ou inverter o sentido real de democracia, erigindo, em seu lugar, qualquer outro fantasma, que, seguramente, não será a democracia, "comme il faut", e que prevalece hoje em boa parte do Ocidente desenvolvido.

Para muitos não se deve gastar tempo e tintas analisando garatujas mentais.Mas em se tratando de quem disse o que disse e quais possíveis desejos camuflados por trás desse entendimento e suas consequências para o futuro da nação, é preciso esmiuçar essa fala, ligando-a diretamente a quem a proferiu. Vai que nos vazios entre uma letra e outra, várias legiões de demônios estão amoitados à espera da hora derradeira.

A democracia, como a entendemos na modernidade, é apoiada por alguns pilares fundamentais e até absolutos, como é o caso de eleições periódicas livres, justas e amplamente auditáveis em caso de controvérsias. Também se apoia no respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais. Outro pilar é representado pelo Estado de direito e de governança democrática, em que reina o império e o governo da lei. Outro apoio é o do pluralismo político e da responsabilidade direta de todos por suas ações. Há ainda o pilar da participação dos cidadãos no processo político, dentro dos princípios do igualitarismo, civilidade e de liberdade, ensejando o direito a todos, por meio de negociações políticas constantes, sempre com base na imutabilidade de uma Constituição soberana e acordada por todos.

Poderíamos estender outros pilares, nos quais a democracia se firma, como é o caso de aceitar a candidatura de quaisquer brasileiros que atendam às exigências previstas e apresentem uma ficha pretérita limpa e sem máculas, mas isso seria enfadonho demais e até redundante. A questão aqui é demonstrar que esses e outros pilares são absolutos, ou seja, devem ser mantidos, com firmeza, onde estão, cimentados pelo o que reza a Constituição, descartando portanto, quaisquer outros relativismos não previstos.

Partindo de uma comparação entre dois ou mais elementos, para melhor analisá-los sob diferentes perspectivas, a relativização se opõe ao que é absoluto. Com isso, fazendo-se uma comparação, ao acaso, entre Brasil e um outro país, como a Venezuela, é possível chegar a conclusão de que aquele país não segue os ditames democráticos, sendo, portanto, uma ditadura em todos os seus sentidos.

A continuar ainda um exercício de relativização, ligando quem disse à razão e como disse, o que disse, e ainda por cima agregou à afirmação de que a Venezuela é mais democrática do que o Brasil, podemos inferir que a democracia é mesmo um conceito relativo. Relativo e passível de ser transformado e igualado naquilo que se transformou hoje o país de Nicolás Maduro.

» A frase que foi pronunciada

"O comunismo existe hoje por que o cristianismo não está sendo suficientemente cristão."
Martin Luther King

Hipocrisia

» Fizeram um escândalo enorme com as casas distribuídas pela prefeitura de Campinas que medem 15m². O dono pode fazer puxadinho com o dinheiro que vai sobrar, já que agora tem um teto. Mas ninguém vê esse auê na capital da República, na Asa Norte, onde kits pouco maiores, de 20m², são alugadas. Já vi moradores guardarem a roupa no porta malas do carro, porque não tinha espaço para armário. Em espaço alugado, o puxadinho é o carro.

» História de Brasília

Já foi iniciado o combate às invasões no Plano Piloto. A Secretaria do Interior e o DFLO da Prefeitura estão retirando os barracos, e já limparam as superquadras 301, 302 e 303. (**Publicada em 1º/3/1962**)